

APROFUNDAMENTO DA FICHA 7

7. O amor é um juízo: ainda que eu erre, sei o que me corresponde

Para aprofundar o tema da ficha 7 da Escola de comunidade, propomos um excerto da canção Assenzio de J-AX e Fedez; e uma parte da Assembleia com o Padre Julián Carrón na Equipe dos Liceus (Cervinia, 3 de setembro de 2016).

«Se eu pudesse apagar todo o mal conservava-o como absinto
Esta noite
E quantas vezes não quis gritar
Mas fiquei em silêncio
A pensar nas coisas que perdi
A imaginar que fosse diferente
Não me vejo ao espelho há meses
Há algum tempo que desconfio que dentro do reflexo
Está aquela máscara que me colocaram»

Estas palavras de *Assenzio* expressam uma verdade que todos experimentámos: pensar que se perdeu tudo, que apenas se recitou, querer apagar todos os erros do passado e tirar finalmente a máscara que nos colocaram. Mas será que existe algum caminho para não deixar toda esta insatisfação à mercê da “depressão” de alguns momentos? Esta insatisfação poderá ser um recurso para encontrar o que é verdadeiro? A Escola de comunidade deste período e este diálogo entre um estudante e o Carrón, que aconteceu na última Equipe dos Liceus, testemunham-nos uma forma através da qual o coração – o mesmo coração que levou J-AX e Fedez a escever esta canção, tal como o mesmo coração de Pedro com Jesus, ou o deste estudante com os seus amigos – pode reconhecer o verdadeiro amor que apaga o mal e nos permite vermo-nos ao espelho sem desconfiança.

Da Assembleia com Julián Carrón durante a Equipe dos Liceus

Este verão foi muito significativo para mim, porque cheguei às férias dos Liceus desejoso de descobrir relacionamentos que realmente deixassem algo em mim, e de encontrar pessoas que realmente se interessassem por mim.

Porquê? Por que normalmente as relações com as pessoas não deixam nada em ti?

Pois é, agora vou contar.

É impressionante como vocês começam a falar. Não é que as relações bastem, há muitas relações que não deixam rastros em nós.

Pois é. Antes das férias eu tinha passado alguns dias na base da diversão, de sair à noite com os amigos, com uma companhia com a qual eu estava bem. Eu divertia-me. Mas, quando voltava para casa, depois de acabar tudo, sentia um amargo na boca e sentia que não estava plenamente feliz.

Veem como o detector funciona em vocês? Não podemos fingir que não temos o critério com que julgar tudo. O que quer dizer para ti sentir “um amargo na boca”? O que quer »

* Anotações da Assembleia com Julián Carrón na Equipe dos Liceus, Cervinia, 3 de setembro de 2016.

» dizer que tu descobres dentro de ti – sem que o Pigi precise de fazer uma homilia, sem que precise vir o Albertino ou um anjo do céu – esse amargo que te dá o indício para entender que há algo que não funciona? Não precisamos de alguém que vem de fora. Não tentes enganar-e dizendo “Não sei, estou perdido”. Não, tu não estás nada perdido. O problema é se somos leais com esta amargo que sentimos na boca ou não. Ponto final. A questão é uma seriedade consigo mesmo. Não ponham a culpa nos outros, naqueles com quem vais à discoteca, naqueles que não te lembram disso, nos amigos que não te ajudaram; tu tens o amargo na boca e deves decidir se segues esse amargo ou se segues o que te leva a algo diferente do amargo. E quem decide isso, rapaziada? Cada um de nós, mas não para ir para o céu no futuro, não porque senão vamos para o inferno no futuro, porque o inferno começa aqui e o céu começa aqui

A coisa que mais me incomodava nesse amargo de boca que sentia era a minha incapacidade de falar disso com esses amigos. Eu sentia esta inquietação, mas não conseguia falar dela com eles, seja porque não me sentia compreendido, seja porque não lhes interessava de verdade quem eu era, mas só lhes interessava a noitada.

Mas tu achas mesmo que te safas com os teus amigos travando um diálogo sobre uma coisa abstrata? Vais ter de lhes mostrar que encontraste algo que os ajuda a entender. Tu começaste a sentir alguma coisa que não era amarga porque alguém te explicou?

Não, porque senti um interesse.

De facto, o método que Jesus usa é totalmente diferente. Mas como não nos damos conta disto, fazemos sermões aos outros. Mas fizeram-te um discurso quando encontraste o Movimento? Jesus – metam isso na cabeça! – não perdeu nem um minuto a fazer publicidade quando encontrou João e André, nem um minuto! “Vinde e vede”, disse-lhe. Mas muitas vezes, não estando conscientes de como aconteceu connosco, mudamos o método e então pensamos que para encontrar as pessoas precisamos de lhes dar uma aula. Deus, rapaziada, inventou outro método. Quer fazer-te entender o que é o amor? Em vez de te dar uma aula sobre o amor, faz com que te apaixones, uma experiência através da qual tu percebes muito melhor o que quer dizer amar uma pessoa e ser amado. Não te faz um sermão, faz com que te aconteça, faz com que te suceda, para que tu não possas reduzi-lo a um discurso abstrato. Faz-te nascer numa família na qual és amado, dá-te amigos por meio dos quais entende a diversidade das relações, como dizias antes: relacionamentos que deixem um rasto em ti. Não é tudo igual, nem a forma de estar com os outros, nem uma família é igual à outra, nem os amigos são todos iguais uns aos outros. Não é tudo igual. E Deus faz acontecer o amor para que possamos entendê-lo. O amor não é uma palavra abstrata. Sabem por que ocorre o amor? Porque quando acontece a experiência de amar e de ser amado, tu percebes, e quando não acontece tu sentes um amargo na boca. É fácil. Deus faz as coisas fáceis. A questão é que nós, para comunicá-lo aos outros, temos que nos comportar como Deus, não podemos fazer de outra forma. Como vimos: a nossa amiga em Dublin pode encontrar-se diante de um jovem turco que não sabe do que ela está a falar, e como é que o faz entender? Vivendo. Vivendo! Se tu não te dás conta disso, dizes: “Sou incapaz de comunicá-lo e meus amigos não percebem”. E vais começar a pôr neles a culpa porque não percebem; mas eles não podem perceber através de uma “explicação” tua. O problema é que tu não te dás conta de que quem não percebe és tu, porque usas um método para fazê-los entender com o qual é impossível que entendam. Isto interessa-me especialmente, porque senão vocês entram num beco sem saída e, em vez de ficarem exaltados com o facto de eles verem uma diferença em vocês, põem a culpa neles porque não entendem. E então? O que é que fazemos? Será que devemos oferecer-lhes um curso para os preparar para entenderem? Uma espécie de pré-evangelização? João e André fizeram um curso de pré-evangelização, » pré-encontro? Não! João e André já estavam prontos para o encontro. Tu já estavas pronto

» para o encontro. O outro já está pronto para o encontro. Por isso é preciso que aconteça o encontro; não que tu expliques ao outro o encontro, mas que lhe aconteça. Tu estás pronto para te apaixonares?

Estou.

De facto, basta que aconteça. Claro, não é certo que vá acontecer só pelo facto de tu o desejares. Mas tu já estás pronto, para que este evento se verifique não precisas de nenhuma condição particular, a não ser a tua humanidade. Tu já estás pronto. O Mistério criou-te pronto para o encontro, para cada encontro da vida que é só um pequeno reflexo do encontro verdadeiro, exaltante, que é o encontro cristão.

Cheguei com este desejo às férias dos Liceus, onde encontrei alguém que estava na mesma situação que eu ou seja, insatisfeito com o que vivia com seus amigos de discoteca e desejoso de alguém que respondesse à sua necessidade de algo que dure para sempre, ou pelo menos de algo mais do que uma noite na discoteca. Ao contrário de mim, porém, ele tinha conseguido entender que tudo o que tinha não lhe correspondia e tinha-se afastado daquela vida e daqueles amigos que não tinham nenhum sabor nem o faziam feliz. Com esta pessoa nasceu uma relação incrível na qual, efetivamente...

Vês? Como é que o Mistério respondeu ao teu problema?

Encontrei uma pessoa.

Perfeito! Era o que eu te queria dizer antes. O Mistério tornou-se carne, a explicação tornou-se carne. O discurso tornou-se carne e sangue em alguém. É assim que Deus responde. Antes de mais nada, faz com que tu encontres alguém em quem já aconteceu.

Nasceu uma relação na qual eu me sinto correspondido no meu desejo. Ele não me fascina apenas porque representa um testemunho sobre o que era a minha situação, mas porque viz que ele conseguia e ainda consegue despertar em mim o desejo, manter desperta em mim a vontade de ser feliz e principalmente de poder ser eu próprio diante das dificuldades mais urgentes para mim. Experimento com esta pessoa o que estava procurando e desejando desesperadamente: uma relação na qual posso ser livre e onde sinto um interesse real pela minha pessoa, sempre e em todo o momento, não relegado para um momento do dia, como podia ser a minha noite na discoteca. No entanto, terminadas as férias dos Liceus, algumas semanas mais tarde, voltei a cair no erro do começo do verão, ou seja, confundi de novo aquilo de que precisava, e por isso passava os meus dias numa cadeira de praia e, à noite, passava novamente o meu tempo em restaurantes de luxo e lugares da moda com os mesmos amigos de antes.

E então? Agora escolhes.

Naquele momento tornou-se evidente a desproporção entre o que eu tinha encontrado de grande e o que estava a viver naquele momento. Sentia-me completamente sozinho, abandonado por aqueles amigos que não me correspondiam; foi mesmo um momento de tristeza infinita, também na relação com a minha namorada. Naquele momento de tristeza e de desespero, não consegui procurar mais ninguém senão aquele meu amigo que tinha conhecido nas férias. E mais uma vez com ele senti-me renascer, mais uma vez ele me despertou diante das urgências da vida, e não porque tenha resolvido todos os problemas que eu tinha, mas simplesmente porque me mostrava e me testemunhava um modo de estar diante daquelas dificuldades com o meu desejo de felicidade.

Eu agradeço-te muito por teres descrito a dinâmica que viveste, porque isto nos ajuda a entender que o encontro cristão não é uma coisa mágica que acontece de uma vez por todas e depois tudo fica resolvido. Uma pessoa pode, depois de ter visto, voltar ao ponto inicial. “Vês que as férias não serviram para nada?”, dizemos tantas vezes desencorajando-nos, porque nos medimos apenas pela capacidade de sucesso posterior. Mas é realmente verdade que não ficou nada das férias em ti?

Não, senão eu teria ficado com aqueles amigos.

Tu já foste plasmado e já não podes deixar de sentir saudades de ti, como eu dizia antes. Não podes evitar o que te aconteceu e comesças a sentir falta disso. É impressionante, porque não é que tu não estivesse com os amigos de antes, com aqueles com quem ias à discoteca, e no entanto dizes: “Estava sozinho”. Por que é que dizes que estavas sozinho, se estavas rodeado por todos eles? O que é que aprendeste sobre a natureza da solidão?

Eu sentia-me sozinho justamente porque, ao mesmo tempo que tinha experimentado um tipo de relação na qual era continuamente relançado...

Mas aqueles amigos também te relançavam constantemente... a ir à discoteca!

Com aquele meu amigo que encontrei nas férias eu conseguia ser eu mesmo.

Ah! O que é que nos torna nós mesmos e, portanto, vence a solidão? O que é a solidão? Não é não ter ninguém ao nosso lado, tu estavas cheio de amigos, porém sentias-te sozinho. A solidão de que estamos a falar, a verdadeira solidão, diz Dom Giussani, é a falta de significado, é a impotência que sinto diante da minha insatisfação. Por isso posso estar rodeado de pessoas e estar sozinho, porque elas não são capazes de responder à minha impotência, à minha incapacidade de ser feliz. Não é por sermos mais, mais, mais e mais, que ficamos mais plenos e menos sozinhos. Cuidado, porque pode acontecer também dentro deste âmbito: se vivermos os Liceus desta maneira, mesmo rodeado por amigos podemos estar mais sozinhos. Porque a questão não é estar rodeados de pessoas, mas se esses amigos trazem “a resposta para a minha impotência, se me dão algo que deixa um rasto em mim”, como tu dizia antes, que “me dão algo que responde à minha necessidade; senão, mesmo rodeado de pessoas, fico sozinho”. Espanta-me que vocês identifiquem todas as questões, por exemplo, que tu te dê conta de estar rodeado de pessoas e, ao mesmo tempo, de estar sozinho, isso é genial. Vocês descobrem isso nas vossas próprias experiências, não sou eu que tenho de dizer-lhes. Porque se eu te explicasse isto sem que tu tivesses já tenha feito experiência, tu não perceberias o que te digo; e no entanto, tu percebes, e não é porque alguém to tenha explicado. Senão, não só perdes os amigos, como também não percebes sequer a relação com a tua namorada, nem as relações mais verdadeiras e estreitas que tens, aquelas a que tu dás mais importância. Tudo se desfaz entre as nossas mãos. Isto é fatal. E não é um problema de moralismo ou da vida eterna, porque diz respeito ao viver agora. Cristo, com efeito, veio para tornar tudo cem vezes mais. Senão, se alguém acaba por não encontrar alguma coisa que o impeça de perder tudo – pode confessá-lo a si mesmo ou não –, se te sentes sozinho mesmo estando com os teus amigos, o que são esses amigos? Nada. Como podes afeiçoar-te a eles? Só estás afeiçoada simplesmente de forma superficial, porque vais com eles à discoteca, e não porque te levem a responder ao teu desejo de felicidade. Quem é o único amigo? O amigo é quem é capaz de me ajudar a responder à única coisa que desejo na vida: ser feliz. Se não responde a isto, está a brincar comigo. Não é amigo, ainda que eu lhe chame “amigo”, porque nós chamamos “amigo” ao primeiro que passa na rua porque vamos beber uma cerveja com ele, mas depois não deixa um rasto em nós. Então começamos a entender o que significa ser amigo, o que é ter um amigo, o que é vencer a solidão, o que é ter um relacionamento verdadeiro com a namorada. E quando uma pessoa vê que tudo se desfaz, não pode não voltar, não pode deixar de ter saudades do amigo graças ao qual renasce. Percebem por que é que somos cristãos? Não porque sejamos melhores – de facto podemos fazer as mesmas asneiras de toda a gente –, mas porque nos aconteceu alguma coisa que já não podemos tirar de dentro de nós; tropeçando, andando para a frente e para trás, decaindo, desencorajando-nos, mas sem nunca mudar de caminho. Por quê? Porque é aí que o eu renasce até mesmo das próprias cinzas, como veem. Não se assustem que este desencorajamento possa acontecer. A coisa mais importante é que, quando o Senhor vos

torna de novo conscientes disso, vocês se lembrem daquele amigo; e então poderás ceder de novo e segui-lo, e não flagelares-te porque decaíste. Que mistério existe no facto de a fraqueza ser fraca e tu te perderes um segundo depois? Como diz Giussani: não é que no dia seguinte Zaqueu não tenha discutido mais com a mulher. Mas nós temos uma imagem da santidade que é dum ser absolutamente sem mácula; aqui reside todo o drama da vida. O único problema não é não errarmos. O Evangelho disse-nos tudo o que Pedro fez, não apagou nada, assim como nós não devemos apagar nada do que nos acontece, porque é isto o que nos torna conscientes do facto de eu poder errar tantas vezes, mas não poder deixar de me lembrar do amigo que me fez renascer. Agora decidam! Todo o drama está aqui, no momento em que me dou conta de novo e a partida recomeça, o drama recomeça. E todos os erros que eu possa ter feito não me impedem de voltar. Por isso, se eu não volto não é porque fiz asneiras, mas porque não quero voltar. Ninguém te impediu de voltar. Toda a vida se joga neste instante, e Deus fez tudo aquilo que fez para provocar alguém que Lhe diga que sim, mesmo depois de O ter negado. Jesus, com efeito, não se detém no que Pedro fez, mas pergunta-lhe: “Tu amas-me?”. E eu pergunto-te a ti: “Tu queres a vida que encontraste? Queres renascer?”. Então procura-o! Ninguém te impede disso, ninguém te pode impedir, mas ninguém te pode poupar a isso. Esta é a tua liberdade, o drama da tua liberdade. Porque, como diz Péguy, que citei nos Exercícios da Fraternidade (é fantástico este trecho de Péguy!): “Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livremente” (“Il mistero dei santi innocenti”. In: *I Misteri*. Milão: Jaca Book, 1997, p. 343). Deus não quer servos, não quer escravos, quer amigos que O amem como homens livres, livremente. Tu preferes que te amem livremente ou não? E Deus haveria de ter pior gosto do que tu?